

AGUALUSA, DIVULGAÇÃO

## A salvação está nas bibliotecas

**JOSÉ EDUARDO AGUALUSA**, autor de romances históricos sobre a experiência colonial portuguesa, fala sobre o papel da arte no Fronteiras do Pensamento de hoje

**ALEXANDRE LUCHESE**  
alexandre.luchese@zerohora.com.br

O papel da arte e da literatura na transformação da sociedade deve ser a tônica da conferência de hoje no Fronteiras do Pensamento. Às 19h45min, no Salão de Atos da UFRGS, o escritor José Eduardo Agualusa profere uma palestra em que abordará sua ficção, mas também deve levantar questões sobre a realidade atual do Brasil e do mundo.

– Neste momento, no Brasil, as pessoas estão muito preocupadas com o que está acontecendo, social e politicamente, então procuram respostas. Mas, às vezes, não há respostas. A grande arte não é dar respostas, mas saber colocar as questões – afirma Agualusa, em entrevista por telefone, antes da vinda para o Brasil.

Nascido em Angola, Agualusa cresceu em Portugal, onde ini-

ciou a carreira literária no final dos anos 1980. Com mais de duas dezenas de livros publicados, entre romances e volumes de contos, o escritor usa a ficção para abordar a formação das nações africanas e as tensões atuais de suas sociedades, tratando também da influência de Portugal e do Brasil nesses processos.

O mais recente romance de Agualusa é *A Sociedade dos Sonhadores Involuntários* (2017), inspirado no episódio conhecido em Angola como 15+2, de 2015. Na ocasião, 15 rapazes e duas meninas foram detidos por lerem e discutirem um livro sobre métodos pacíficos de protesto. Entre eles, estava o rapper Luaty Beirão, que se tornou uma das personalidades mais conhecidas na luta contra a permanência de José Eduardo dos Santos no poder. Santos foi chefe de estado por 38 anos, de 1979 a 2017.

Para Agualusa, a importância de Luaty na luta de Angola pela democracia é uma prova de que o papel da arte é também gerar debates e mudanças políticas e sociais:

– No caso de Angola, as famílias com dinheiro, de uma forma geral, eram ligadas de alguma forma ao partido político que es-

tá no poder. Luaty vem de uma dessas famílias, mas rompe com a própria herança familiar e se aproxima do povo. Por meio da música, ele saiu do condomínio e se aproximou da favela.

O escritor participou, na semana passada, de uma conferência do Fronteiras do Pensamento em Salvador, na Bahia. Na palestra, afirmou que tanto Angola como o Brasil estão com a “democracia ameaçada”. Para ele, a promoção da leitura e a criação de boas redes de bibliotecas públicas pode ajudar os países subdesenvolvidos a superar suas contradições e conflitos. Atualmente, o escritor mora na cidade Ilha de Moçambique, onde pretende montar uma biblioteca para acesso universal a partir de seu acervo.

– A longo prazo, quero transferir minha biblioteca para a Ilha de Moçambique. Gostaria de um dia poder abrir esse espaço aos habitantes de ilha, sobretudo aos jovens, pois lá há falta de livros. O desenvolvimento está ligado à leitura. Não é por acaso que os países mais desenvolvidos são aqueles onde se lê mais. A luta contra o subdesenvolvimento passa pela criação de boas redes de bibliotecas públicas – avalia o autor.

### FRONTEIRAS DO PENSAMENTO 2018

Ainda há passaportes para a edição deste ano do Fronteiras do Pensamento.

O preço para as cinco conferências restantes da temporada é de R\$ 1.112,50, com 50% de desconto para participantes de edições anteriores, médicos cooperados Unimed Porto Alegre, professores da PUCRS e da UFRGS e colaboradores do Hospital Moínhos de Vento e 30% para titulares do Clube do Assinante. À venda no site [ticketsforfun.com.br](http://ticketsforfun.com.br) (sem taxa de conveniência) e nos pontos de venda: Livraria BamboLetras (Rua Lima e Silva, 776), Instituto Ling (Rua João Caetano, 440) e StudioClío (Rua José do Patrocínio, 698).

Próximas conferências: **Siddhartha Mukherjee** (3 de setembro), **Ai Weiwei** (8 de outubro), **Javier Cercas** e **Alejandro Zambra** (22 de outubro) e **Mark Lilla** e **Luiz Felipe Pondé** (19 de novembro)

**As palestras são apresentadas no Salão de Atos da UFRGS, sempre às segundas-feiras, às 19h45min.**

O Fronteiras do Pensamento Porto Alegre é apresentado por Braskem, com patrocínio Unimed Porto Alegre e Hospital Moínhos de Vento, parceria cultural PUCRS e empresas parceiras CMPC Celulos e Riograndense e Souto Correa. A parceria institucional é da Unimed. Universidade parceira: UFRGS.

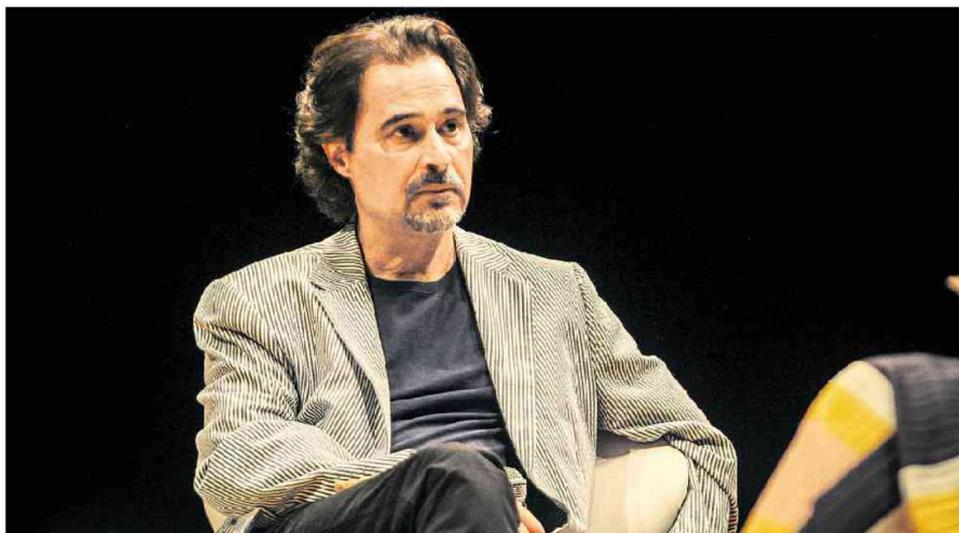
Promoção Grupo RBS.  
Informações: (51) 4020-2050.

Nascido em Angola, José Eduardo Agualusa viveu desde a infância em Portugal

# “O clima do Brasil hoje me assusta”

ENTREVISTA | JOSÉ EDUARDO AGUALUSA

Escritor



ERIC SALES, DIVULGAÇÃO

Agualusa é o convidado de hoje do ciclo Fronteiras do Pensamento

ALEXANDRE LUCCHESI  
alexandre.lucchese@zerohora.com.br

Convidado de hoje do ciclo de conferências Fronteiras do Pensamento, o angolano José Eduardo Agualusa lançou no ano passado o romance *A Sociedade dos Sonhadores Involuntários*. O livro trata da juventude que luta para ampliar a democracia em Angola, mas também aborda o papel dos sonhos no cotidiano. Nesta entrevista, concedida por telefone, o autor trata dos principais temas do romance e avalia a situação atual do Brasil, que julga estar em um clima de “pré-guerra civil”.

**Seu livro mais recente, *A Sociedade dos Sonhadores Involuntários*, tem como inspiração o episódio do 15 + 2, em que 17 ativistas foram presos em Angola por militarem em nome da democracia. Para o senhor, qual é a importância da arte e da literatura nas transformações políticas e sociais?**

A função da arte é também fazer pensar, promover debates, elevar pensamentos a outro nível. Arte não é a mesma coisa que divertimento. No Brasil isso é muito claro. Todo o movimento de democratização do Brasil contou com a participação de artistas.

**Uma das personagens do romance cresceu em um condomínio de luxo, chegando à idade adulta sem saber qual era a realidade vivida pela maior parte dos habitantes de Angola. Como crescer nesse tipo de ambiente pode impactar a formação de um jovem?**

Um aspecto curioso, no caso angolano, é que essas redes de condomínio foram em grande parte construí-

das por empresas brasileiras. Há um modelo brasileiro, o pior modelo de moradia, que infelizmente foi exportado para Angola pelas grandes construtoras. O Brasil já exportou, inclusive para Angola, coisas melhores. Por conta disso, as novas gerações das famílias angolanas próximas ao poder, com mais poder econômico, crescem completamente alienadas, com uma ignorância profunda a respeito do país. Esses jovens realmente não sabem o que é Angola. Mas é interessante como alguns conseguem romper com esse ambiente, como Luaty Beirão, rapper e ativista político que se aproximou do povo pela música.

**O senhor já publicou livros ambientados no Brasil, bem como viaja e discute sobre o passado e a situação atual do país. Qual é sua avaliação sobre o momento?**

O Brasil se radicalizou muito. Há posições muito extremadas, que me lembram a situação em Angola logo após a guerra civil, em que houve uma grande divisão da sociedade. As pessoas passaram a se odiar mutuamente, impedindo a emergência de um pensamento diferente. O clima que o Brasil vive hoje me assusta muito. Vejo todos os dias gente bloqueando pessoas nas redes sociais. Pessoas que eram amigas deixam de se falar. É uma coisa terrível bloquear alguém simplesmente porque pensa diferente. Isso faz com que as pessoas se movimentem em um círculo de pensamento único. A maior virtude da democracia é que, de duas opiniões diferentes em confronto, possa surgir uma ideia melhor. Se ninguém está sequer disposto a ouvir o outro, estamos a caminho de um clima de pré-guerra civil. Isso é muito perigoso.

**A falta de diálogo vista nas redes pode gerar conflitos maiores?**

Os fazedores de guerra sabem muito bem que a primeira coisa que precisa ser feita para criar um inimigo é dar ao outro a ideia de que esse inimigo não é bem uma pessoa. Ou seja, você desumaniza o outro, tira dele o direito a uma identidade. Estamos vendo isso acontecer agora no Brasil.

**O senhor costuma dizer que ditadores não leem romances. Por quê?**

Tenho essa ideia de que, quando você lê um romance, você se coloca na pele do outro. É um exercício de empatia. Alguém que tenha desenvolvido esse músculo da empatia dificilmente toma posições de domínio em relação ao outro. Por isso acho difícil que um torturador ou um grande ditador tenha o hábito de ler romances.

**É conhecida a influência do neurocientista brasileiro Sidarta Ribeiro para a criação de *A Sociedade dos Sonhadores Involuntários*. Como se deu esse processo?**

O livro é uma homenagem aos jovens democratas angolanos, mas também resultado de uma série de conversas que tive como Sidarta Ribeiro, que tem a ver com o papel do sonho no cotidiano das pessoas. O Sidarta aponta que, há milênios, durante a evolução do homem, o sonho teve um papel concreto. Se o sujeito sonhasse que havia um leão próximo a um rio, tomaria mais cuidado da próxima vez que fosse até um rio. O sonho é uma criação de modelos de realidade. Se você tem os pais muito velhos e começa a sonhar com a morte deles, está na verdade se preparando para esse evento. Sonhar nos prepara para o confronto com a realidade.



CELSO  
LOUREIRO CHAVES

cglchave@portoweb.com.br

## BERNSTEIN

Este é o mês em que se encerram as celebrações do centenário de Leonard Bernstein, que no seu tempo foi mais conhecido como maestro do que compositor. Desde o início das celebrações, o mais notável foi o lançamento de três coleções com a obra do compositor Bernstein, deixando de lado o maestro celebrado que uma vez vi reger em Chicago dando pulos atléticos na frente da orquestra, quase uma Daiane dos Santos.

O Bernstein compositor é um caso quase único nos últimos cem anos – fez música dos mais diversos tipos, só que às vezes juntando tudo numa mesma obra. É algo que, no Brasil, alguém como Radamés Gnattali, o nosso Radamés de Porto Alegre, fez nas suas sinfonias. Bernstein também fez sinfonias e, nelas, às vezes há cânticos judaicos (na primeira), passagens de puro jazz (na segunda) e até momentos constringedores (na terceira).

Pois o hibridismo tem disso: a vergonha alheia, quando a mistura é incompatível, seja pelo contexto, seja pela mistura de ingredientes que deveriam ser mantidos separados (azeite de dendê e morango...). Realmente, aquelas frases redutoras e frequentes não fazem sentido: “só tem música boa ou música ruim”; “toda música é híbrida”. Não é verdade. Há muita música no mundo, mas misturar coisas diversas no mesmo painel não sempre dá certo.

Duas das “coleções Bernstein” não têm pudor em mostrar o compositor cruzando fronteiras, misturando coisas, mostrando que nem sempre é bom transitar aqui e ali ao mesmo tempo. Uma coleção é da gravadora alemã que criou o mito-maestro de Bernstein: ali está *Songfest*, um excelente ciclo de poemas musicados. A outra coleção é da gravadora americana que foi a casa dos musicais da Broadway: ali estão as sinfonias e os... musicais.

A terceira coleção é de Marin Alsop, regente titular da OSESP e aluna de Bernstein. Ela representa uma nova geração de intérpretes, com uma ótima visão para além do que Bernstein tocava e regida. Com essas três coletâneas se tem uma receita completa para ouvir Leonard Bernstein, um dos criadores mais fluidos de que se tem notícia. Era um malabarista dos estilos, esse Bernstein.

GAÚCHAZH

Leia outras colunas em [gauhazh.com/celsoloureirochaves](http://gauhazh.com/celsoloureirochaves)